



Camila Freitas

MULHERES E A DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA NO BRASIL

“SOM? FOI. CÂMERA?” Câmera foi. Ação!”

Assim começam as filmagens. No momento em que a cena é gravada, olhares atentos percorrem cada detalhe para que tudo esteja pronto e se obtenha o melhor resultado coletivamente. Quem são as pessoas que trabalham atrás e ao redor das câmeras na área da direção de fotografia? São mãos e olhares masculinos ou femininos que conduzem essa estrutura? Isso importa?

Segundo dados de 2015/2016 divulgados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine) a partir dos Certificados de

Produto Brasileiro (CPB) emitidos, a direção de fotografia por mulheres permaneceu em 8% nos dois anos, sem crescimento, num percentual bastante baixo (92% de trabalhos na mesma função são realizados por homens). Tais dados indicariam a falta de interesse das mulheres no mercado audiovisual brasileiro? Ou a falta de oportunidades? Porque as mulheres não chegam com igual porcentagem a cargos de poder, como esse, e tantos outros?

Os ecos dessas perguntas ressoaram por meses em muitas de nós, em nosso cotidiano de trabalho, e foi sobretudo para iniciar uma mudança nesses índices que

criamos o Coletivo das Diretoras de Fotografia do Brasil (DAFB), que organiza as profissionais do mercado, fortalece e estimula a participação feminina neste segmento, cria um espaço para discutir nossas linguagens, técnicas de iluminação, movimentos de câmera e equipamentos, entre outros assuntos, incluindo as questões que relacionam gênero, sexualidade e cinematografia.

O DAFB nasceu em junho de 2016 em reação a uma publicação, no site de uma das maiores produtoras brasileiras, que apontava os novos talentos da fotografia nacional. A matéria apresentava o perfil de 19 homens brancos, praticamente todos do eixo Rio-São Paulo. Nenhuma mulher, nenhum negro. Foram feitas várias críticas à postura da produtora, que afirmou que tinha feito buscas, mas não encontrara nenhuma jovem diretora de fotografia no mercado.

A partir daí, várias diretoras de fotografia, participantes do grupo Mulheres do Audiovisual Brasil, começaram a se comunicar com o intuito de criar uma lista de mulheres atuantes no mercado e aprofundar a luta para quebrar o preconceito e a invisibilidade que envolvem a presença de mulheres na cinematografia. Em poucos dias, o coletivo estava formado e o site foi lançado em 8 de março de 2017, com cerca de 20 diretoras de fotografia de quatro cidades brasileiras. Em seguida, abrimos o site para as demais profissionais das equipes de fotografia, da assistência de câmera à coordenadoria de pós-produção.

Hoje somos 92 mulheres (cis e trans) e homens trans, em 18 cidades: Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Cachoeira (BA), Campinas (SP), Campo Grande (MS), Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Goiânia (GO), Jatobá (PE), Joinville (SC), Londrina (PR), Mariana (MG), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Carlos (SP) e São Paulo (SP). O grupo no Facebook já reúne mais de 400 mulheres cis e trans e homens trans.

A invisibilidade das mulheres na fotografia não é prerrogativa do cinema. Seis meses após o lançamento do DAFB,

outros dois grupos de mulheres fotógrafas foram criados: o Fotógrafas Brasileiras e o Mulheres da Imagem (YVY).

Em agosto de 2017, o DAFB realizou o *workshop* gratuito *Correção de Cor Para Mulheres da Direção e Equipe de Fotografia*, uma iniciativa de Sofia Franco, Diretora Geral e Supervisora de Pós-Produção da Quanta Post, empresa de pós-produção de imagem de São Paulo, parceira do evento. O coletivo convidou mulheres diretoras e assistentes de fotografia, operadoras e assistentes de câmera, para participar de uma aula de quatro horas ministrada pela colorista Luísa Cavanagh. Inicialmente a ideia era receber duas turmas de dez alunas. Com a alta procura, participaram 40 mulheres, que acompanharam os processos de correção de cor e criação de *LUTs* (*Look Up Table*, ferramenta digital usada nesses processos) em materiais produzidos por elas mesmas.

No mesmo ano, ocorreu outra atividade, desta vez na Bucareste Ateliê de Cinema. Quem comenta é Taís Nardi, diretora de fotografia, paulistana e coordenadora do curso de Direção de Fotografia da escola:

Na minha formação, nunca senti falta de ter mulheres como modelos profissionais. Na faculdade (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP), tive uma mulher, Kátia Coelho, como professora de fotografia. Quando entrei no mercado de trabalho, participei de equipes lideradas por mulheres, como a diretora de fotografia Heloísa Passos ou as assistentes de câmera Fernanda Tanaka e Janice D'Ávila (hoje diretoras de fotografia). Mas, aos poucos, fui percebendo que eu tinha sido privilegiada e que muitas das minhas colegas não tinham tido essa experiência: a maioria delas tinha feito cursos de cinema com professores machistas e que privilegiavam os alunos homens. E elas tinham maior dificuldade em lidar com o machismo presente nos sets.

Por isso, quando tive a oportunidade de coordenar o curso da Bucareste, me preocupei em oferecer

modelos femininos aos alunos. No curso, quase todas as aulas são ministradas por mim ou por professoras convidadas, e a experiência é ótima. As alunas sentem-se visivelmente mais livres para participar quando é uma mulher que lidera o ambiente. Os alunos também participam e percebo que criam admiração e respeito pelas professoras, o que é positivo para empoderar as mulheres com quem eles irão trabalhar no futuro.

Na segunda edição do curso, tivemos também a oportunidade de oferecer duas bolsas de estudo para mulheres negras participantes do 'Empoderadas'.

Cauê Monteiro, assistente de câmera carioca, fala sobre a dificuldade das pessoas trans no mercado de trabalho.

Creio que hoje, final de 2017, eu seja o único homem trans com formação em cinema e fotografia no Rio de Janeiro. Isso me exclui de qualquer estatística existente e de muitas oportunidades. Não me enquadro no grupo feminino, menos ainda pertença ao masculino dominante das equipes de fotografia. Um fotógrafo sem equipe. Uma foto sem fotógrafo.

Bia Marques, diretora de fotografia, carioca e professora de Cinematografia na Escola Audiovisual Cinema Nosso e na Ação da Cidadania, também comenta o assunto:

A importância da presença de mulheres como professoras de Cinematografia é algo que demorei a me dar conta. Creio que essa consciência veio com a fala de um aluno de operação de câmera no Senai/Laranjeiras, em 2012. Na formatura, ele me elogiou, confessando ter duvidado da qualidade do curso já na primeira aula, ao ver uma mulher como professora. Suas palavras foram uma surpresa, pois jamais pensei que poderia provocar medo nos alunos pelo simples fato de ser mulher. Só então me dei conta da importância que é, para nós, mulheres, ter outras mulheres como referência profissional.

Ao cursar a Universidade Federal Fluminense (UFF), tive a sorte de ter Andrea Capella como professora. Andrea influenciou toda uma geração de fotógrafas como a Flora Dias, Camila Freitas, Nina Tedesco, Thaís Grechi, Juliane Peixoto, Mika Nobre, entre outras. Foi preciso sair da faculdade para me dar conta de que lá vivíamos numa bolha, na qual era natural ter mulheres lidando com câmeras e refletores (eletricidade). Hoje percebo que, inconscientemente, adquiri posturas masculinas, seja no trato pessoal como na maneira de me vestir. E percebo que várias outras mulheres igualmente comentam terem assumido a mesma postura como estratégia para lidar com os colegas, seja nas equipes internas de câmera, elétrica ou maquinária, como no set em geral.

Outra iniciativa que vale destaque é o site <http://fotografasdecinema.com.br/>, criado a partir da pesquisa *Mulheres atrás das câmeras: inícios de uma trajetória*, de Nina Tedesco, diretora de fotografia e professora da UFF. O site é um banco de dados em permanente construção, que reúne estatísticas e gráficos sobre as assistentes de câmera, operadoras de câmera, diretoras de fotografia, *loggers* e *vídeo assists* nacionais e suas participações por filmes lançados desde 1981.

A dificuldade de permanência no mercado foi um dos aspectos discutidos no debate *Quando o vento faz a curva: mulheres no audiovisual*, no âmbito da Semana ABC, em maio de 2017. Dentre os 175 diretores de fotografia filiados à Associação Brasileira de Cinematografia (ABC), apenas dez são mulheres; dentre os 11 operadores de câmera, apenas duas são mulheres. Durante o debate, as diretoras de fotografia Wilssa Esser e Bárbara Alvarez, a assistente de câmera Luciana Baseggio e a diretora Anna Muylaert observaram a discrepância entre a inscrição de mulheres nas categorias profissionais e a sua presença na categoria filme universitário, apontando que tais dados refletem a dificuldade da mulher em se manter na profissão. Igualmente se constatou que, comparadas aos homens, as mulheres demoram mais tempo



Camila Freitas

na transição de assistente de câmera para diretora de fotografia. Outra realidade comentada foi a presença de mulheres em produções documentais e de *reality shows*. O fato esconde a dura realidade: mesmo quando conseguem furar a barreira do mercado, as mulheres não têm acesso às produções de maior orçamento.

Em outubro de 2017, o DAFB participou do Cine Fest Luso Mundo, uma mostra de cinema lusófono, em Bruxelas, na Bélgica. A mostra tem foco nas nuances do universo feminino representado pelas realizadoras visuais ou por filmes que abordem o tema.

O coletivo DAFB está aberto a todas as mulheres cis e trans e homens trans que trabalham em equipes de fotografia, independentemente da função. A ideia é somar

dentro do coletivo, trabalhando com medidas que possibilitem a inserção das mulheres no mercado audiovisual brasileiro, mudando os números das estatísticas e dando as boas-vindas a outras mulheres que queiram exercer essa profissão. Sem trotes e testes de uma antiga estrutura militar machista. Com paridade e generosidade.

***COLETIVO DAS DIRETORAS DE FOTOGRAFIA DO BRASIL (DAFB)**

é um coletivo de mulheres (cis e trans) e homens trans que compõem as equipes de direção de fotografia do audiovisual no Brasil, criado para organizar as profissionais do mercado e fortalecer e estimular a sua participação nesse segmento.

Mais informações

<https://www.dafb.com.br>

<https://www.facebook.com/groups/967883033332598/>